

## LABORATÓRIO IŞÉ: CONSTRUÇÕES DE ESTRATÉGIAS PARA RESTITUIÇÃO HISTÓRICA E EXISTENCIAL DE PESSOAS NEGRAS

Laboratory IŞÉ: construction of strategies for historical and existential restitution of black people

Laboratorio IŞÉ: construcción de estrategias para la restitución histórica y existencial de las personas negras

### Resumo

A composição de imagens fotográficas de capa da REVISBRATO são os registros que expressam atividades que compõem o Laboratório de Estudos Africanos, integrado às atividades e à Terapia Ocupacional - Işé (Lab-Işé) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O Lab-Işé se dedica às atividades através das perspectivas africanas e/ou afro-brasileiras, a fim de restituir a dívida histórica que violou direitos e negligenciou singularidades da população negra. Frente a isso, o Lab-Işé propõe estratégias para enfrentar o racismo e fortalecer as expressões existenciais do povo preto, objetivo central do que este Laboratório tem nomeado de Terapia Ocupacional Afrorreferenciada.

**Palavras-chave:** População negra, Terapia Ocupacional, atividades, Africanas.

### Abstract

The composition of photographs on the cover of the REVISBRATO magazine are the records that express the activities that make up the African Studies Lab, integrated with the activities and Occupational Therapy (OT) - Işé (Lab-Işé) of the Federal University of Rio De Janeiro. Lab-Işé is dedicated to activities through the African and/or Afro-Brazilian perspectives, in order to compensate the historic debt that violated rights and neglected the singularities of the black community. Regarding that, Lab-Işé proposes strategies to face racism and empower the existential expression of black people. This is the main goal that this Laboratory is calling "Afro-referenced Occupational Therapy".

**Keywords:** Black community, Occupational Therapy, activities, African .

### Resumen

La colección de imágenes de la portada de REVISBRATO son los registros que expresan los trabajos que conforman el laboratorio de Estudios Afrikanos y las actividades de Terapia Ocupacional - Işé (Lab-Işé) de la Universidad Federal de Rio de Janeiro. El Lab-Işé desarrolla sus trabajos a través de las perspectivas africanas y / o afrobrasileñas, buscando restaurar la deuda histórica que violó los derechos y desconoció las singularidades de la población negra. En este contexto, el Lab-Işé tiene como objetivo la implementación de lo que han denominado como terapia ocupacional afro-referenciada, proponiendo estrategias para enfrentar el racismo y fortalecer las expresiones existenciales de la población negra.

**Palabras clave:** Población negra, Terapia Ocupacional, actividades, Africano .

### Marcia Cabral da Costa

Docente do Departamento de Terapia Ocupacional e coordenadora do Lab-Işé -Laboratório de Estudos Africanos, integrado às atividades e à Terapia Ocupacional - Işé - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.  
[iselaboratorio@gmail.com](mailto:iselaboratorio@gmail.com)

### Anna Carolina dos Santos Silva

Estudante do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional e membro do Lab-Işé - Laboratório de Estudos Afrikanos, integrado às atividades e à Terapia Ocupacional- Işé - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, RJ Brasil.  
[annacarolinatrab@gmail.com](mailto:annacarolinatrab@gmail.com)

### Jean Vital de Souza

Estudante do Curso de Graduação em História da Arte e membro do Lab-Işé - Laboratório de Estudos Afrikanos, integrado às atividades e à Terapia Ocupacional- Işé - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.  
[produtorvital@gmail.com](mailto:produtorvital@gmail.com)

### Juli Cabral da Costa

Terapeuta Ocupacional da Associação Fluminense de Amparo aos Cegos. Coordenadora do Opaxorô Afro-Acessibilidade Cultural e membro do Lab-Işé - Laboratório de Estudos Afrikanos, integrado às atividades e à Terapia Ocupacional- Işé - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.  
[juli.opaxoro@gmail.com](mailto:juli.opaxoro@gmail.com)

### Ramires Milena Porto Costa

Estudante do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional e membro do Lab-Işé - Laboratório de Estudos Afrikanos, integrado às atividades e à Terapia Ocupacional- Işé - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.  
[rmportocosta@gmail.com](mailto:rmportocosta@gmail.com)

### Sarah Rodrigues Freire

Estudante do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional e membro do Lab-Işé - Laboratório de Estudos Afrikanos, integrado às atividades e à Terapia Ocupacional- Işé - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil.  
[sarahrodriguesfreir@gmail.com](mailto:sarahrodriguesfreir@gmail.com)

## 1 Reflexões sobre Terapia Ocupacional e questões raciais

A inserção da discussão racial no processo de formação dos terapeutas ocupacionais da UFRJ, coordenado pelo Laboratório de Estudos Africanos, integrado às atividades e à Terapia Ocupacional-Isê<sup>1,a</sup> (Lab-Isê). Trata-se do primeiro Laboratório do Departamento de Terapia Ocupacional e da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro que se dedica, especificamente, aos estudos relacionados às atividades nas perspectivas africanas e/ou afro-brasileiras e tem buscado garantir não só a ampliação do repertório das atividades, de forma qualitativa e quantitativa, dentro de uma visão direcionada à cultura africana, denominada no Lab-Isê como afrorreferenciada, mas também no exercício de anulação do embranquecimento dessas atividades, portanto, dos processos de embranquecimento da população negra. Isto porque, ao entender que as atividades são produtoras de subjetividades, que expressam uma marcação cultural, faz-se urgente que terapeutas ocupacionais ampliem suas percepções e entendam a urgência de ações que portem a pluralidade cultural e existencial inerente a população negra.

Para um país que se entende como mestiço e persevera em negar seu racismo estruturante<sup>2</sup> com a propaganda da democracia racial, as universidades, assim como em qualquer outra estrutura de poder, seguem, reproduzem e fortalecem essa identidade nacional. Ideia esta que se faz presente nos sistemas sociais marcados pelo racismo e que evidencia a atuação de um Estado "Necropolítico", termo descrito pelo filósofo Achille Mbembe<sup>3</sup>, além de ações racistas reproduzidas diariamente que acarretam a morte subjetiva do ser negro em suas multiplicidades de existência. Notadamente, apesar de termos nascido no período pós-abolição, vivemos em um país anti-negro que segue fortalecendo políticas de embranquecimento da população denominada brasileira. Este conceito-denúncia é evidenciado por autores como Abdias Nascimento<sup>4</sup>, que demonstra como essa política é parte estruturante da ordem social, assim como é possível se desdobrar em múltiplos vetores. Costa<sup>5</sup> destaca que esses vetores se expressam em diferentes campos, inclusive nas produções de conhecimento teórico e prático da Terapia Ocupacional.

Frente a estas condições, ao também considerar que grande parte da população atendida pelos serviços públicos é negra, mas que no momento da acolhida é atendida por terapeutas ocupacionais brasileiros formados por perspectivas eurocêntricas, condições estas que colaboram para a destruição da dignidade humana e subjetividade do ser negro,

---

a. Isê é uma palavra da língua Yorùbá, que tem origem na raiz do verbo "se", e com significado próximo ao que conhecemos como "a ação de fazer". Sendo assim, Isê pode ser traduzido por atividade, ocupação ou trabalho (BENISTE, 2011)<sup>1</sup>, termos presentes no campo de estudo, produção de conhecimento e prática da Terapia Ocupacional

em especial nas diásporas, como o Brasil, surge na UFRJ, no ano de 2018, o Lab-Işé - Laboratório de Estudos Africanos integrado às atividades e à Terapia Ocupacional-Işé, com o propósito de criar ações de ensino, pesquisa e extensão pautadas em epistemologias africanas, visando repensar e recuperar atividades que dizem respeito às singularidades de pessoas negras com ou sem deficiência.

Refletir sobre práticas, produções de conhecimento e estudos na área da Terapia Ocupacional brasileira, apoiados em dados disponíveis pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE sobre a população negra, é garantir uma análise das questões subjetivas referentes à concepção do que se constrói como necessário para formação de profissionais antirracistas.

## 2 Laboratório Işé e Ensino

Foi a partir da disciplina obrigatória de Terapia Ocupacional, Antropologia e Sociologia, ofertada no segundo semestre de 2017, no primeiro período do curso de Terapia Ocupacional da UFRJ, que as questões étnico-raciais germinaram de forma contundente. A disciplina era um convite à reflexão sobre a predominância de perspectivas e epistemologias euro-branco-ocidentais no processo de formação de estudantes de Terapia Ocupacional, bem como uma proposta de construção de perspectivas plurais que possibilitasse a compreensão das singularidades culturais e existenciais de diferentes sujeitos e coletivos que compõem os espaços de ação profissional dos terapeutas ocupacionais. É importante destacar que, ao incluir as questões étnico-raciais na disciplina coordenada por uma professora negra, abriu-se, nas expressões de muitos estudantes pretos e pretas, uma possibilidade de não caminhar solitariamente na universidade.

Desta caminhada, surgiram encontros de acolhimento e de aquilombamentos, espaços em que foi possível iniciar experimentações de atividades, orientadas por modos de fazer, pensar e agir pretos, espaços em que importantes indagações



**Figura 1.** Oficina de Turbante, Evento da disciplina Terapia Ocupacional, Antropologia e Sociologia, 2018.

eram acolhidas sem receios de que elas fossem deslegitimadas pelo racismo estrutural e imperativo. Ter espaços para questionar sobre os referenciais pretos apresentados nos processos de formação de terapeuta ocupacional, sobre o lugar da produção de saúde, fruição artística e acesso a direitos essenciais destinados à população preta, eram perguntas que forjavam novos corpos docente, discente, NEGROS.

Diante disso, ao entender o importante papel do professor enquanto mediador do processo de ensino e aprendizagem na formação profissional, é importante perguntar: Quais são seus compromissos com a população negra que, segundo o IBGE de 2010, constitui mais de 54% da população brasileira? Quais são as perspectivas metodológicas desses processos de formação para a construção de saberes e fazeres ancestrais negros? Essas inquietações se conectavam com as discussões na disciplina, de modo a interrogar sobre os parâmetros e padrões hegemônicos e racistas nos quais o Brasil está imbricado. Entende-se que não considerar estas questões é fortalecer o racismo que, historicamente, vem apagando, roubando referenciais cosmológicos, cosmogônicos, essencialmente importantes para a manutenção da vida de existências negras. Negligenciar esses referenciais é uma tática de morte, é uma expressão racista.

Na contramão dessa expressão, no curso de Terapia Ocupacional da UFRJ no ano de 2019, foram ofertadas duas disciplinas optativas ligadas ao Lab-Ixé, a saber, Atividades, Afrocentricidade, Negritude e Terapia Ocupacional – AAfroNTO e Laboratório de Atividades Afrocêntricas – Lab-Afro.



As disciplinas partem do entendimento de que o corpo negro é dotado de memórias que se expressam por meio do encontro com atividades afrorreferenciadas, encontros que constituem o cotidiano, promovendo processos de subjetivação e garantia de vida.

AAfroNTO centra-se em epistemologias africanas e afro-brasileiras, pre-

**Figura 2.** Primeiro encontro da disciplina optativa Atividades, Afrocentricidade, Negritude e Terapia Ocupacional, 2019.

tendendo substanciar os processos da construção de conhecimentos teórico-científicos, baseados nas literaturas de intelectuais africanos, sejam eles do continente ou das diáspo-



ras. Centrar-se em intelectuais negros e negras são, sobretudo, movimentos de romper com uma face do racismo muito presente nas universidades, denominado de racismo epistêmico<sup>6</sup>, que age na recusa, desvalorização e invalidação da produção do conhecimento científico produzido por pessoas pretas. Vale aqui ressaltar que pensar em centralizar pensamento e perspectivas africanas na Terapia Ocupacional



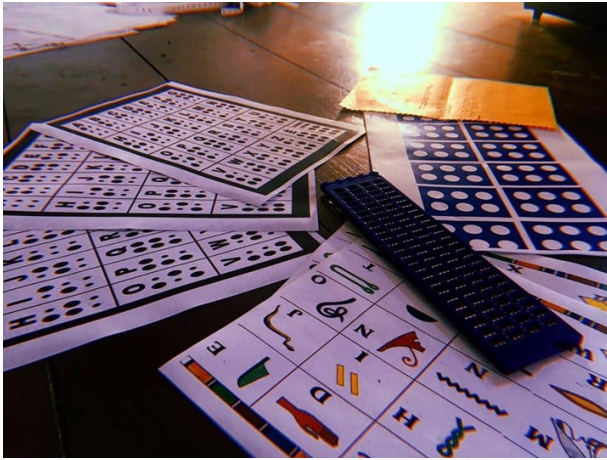
**Figura 3.** Confeção de incenso natural. Disciplina optativa Laboratório de atividades afroreferenciadas, 2019.

onal é, segundo Asante<sup>7</sup>, respaldar-se enquanto sistema de pensamento que propõe a dedicação e agência nas perspectivas culturais africanas, que rompe com os sistemas de pensamento ocidental. Já Lab-Afro propõe processos de experimentação prática de atividades afroreferenciadas, conectando os estudos promovidos na disciplina AAfroNTO. Vale marcar que as experimentações contaram com colaborações de parceiros do Lab-Işé, que também são pessoas pretas envolvidas nos trabalhos de perspectivas africanas e/ou afro-brasileiras de dentro e fora da universidade.

### 3 Laboratório Işé e Extensão

Considerando a sobreposição de uma cultura marcada pela supremacia branca, que apaga e/ou inferioriza a cultura negra, como argumenta Diop<sup>8</sup>, o Projeto de Extensão Identidades Abertas - IA, integrado às ações de ensino do Lab-Işé, mantinha uma direção de trabalho pautado em perspectivas pluriversais<sup>9</sup> da cultura africana e/ou afro-brasileira. As ações do IA, com início em 2018, tinham como território o Museu da História e Cultura Afro-brasileira - MUHCAB/RJ, local propício para o desenvolvimento de atividades artísticas e culturais afroreferenciadas voltadas para crianças e adolescentes moradoras da Pequena África carioca, situada na zona portuária da cidade do Rio de Janeiro. Vale demarcar que no final de 2018, a partir da imersão de uma terapeuta ocupacional no pro-

jeto IA, foi criado o conceito Afro-Acessibilidade Cultural<sup>10</sup> durante o curso de pós-graduação em Acessibilidade Cultural da UFRJ, e que, enquanto mulher negra e estudante desta especiali-



zação, a terapeuta ocupacional se viu impelida a criar ações de fruição cultural africana e/ou afro-brasileira, em condições acessíveis, para pessoas negras com deficiência. A Afro-Acessibilidade Cultural é uma proposta que interroga a restrição do acesso à cultura africana voltada para pessoas negras com deficiência, alegando que não basta possibilitar este acesso, mas, fundamentalmente, permitir a acessibilidade à cultura negra, ao povo preto, como processo de resgate e preservação cultural de matriz africana.

**Figura 4.** Atividade de sensibilização acerca das pessoas com deficiência e as múltiplas formas de expressão comunicativa, como o sistema braile, enquanto leitura e escrita para pessoas cegas, em diálogo com a cultura africana e a escrita egípcia em hieróglifos. Projeto de extensão Identidades Abertas, 2019.

#### 4 Laboratório Işé e Pesquisa

Segundo dados iniciais coletados pela pesquisa *Işé: construção de abordagens clínicas, culturais e educacionais voltadas para a população negra*, das vinte e uma instituições de ensino superior públicas que oferecem o curso de graduação em Terapia Ocupacional, apenas seis apresentam disciplinas que abordam as questões étnico-raciais em suas ementas (e-MEC, 2019)<sup>11</sup>. Sendo a maioria destas disciplinas optativas/eletivas, dentre elas, duas integram o Lab-Işé. Esses dados apontam para a importância de indagar de que forma os espaços de formação de terapeuta ocupacional se percebem contra ou reprodutoras do racismo, na medida em que não incluir disciplinas obrigatórias que tratam de modo expressivo as questões étnico-raciais é reproduzir na Terapia Ocupacional o racismo



**Figura 5.** Equipe Pesquisa Işé: construção de abordagens clínicas, culturais e educacionais voltadas para a população negra, 2019.

epistêmico, que, conseqüentemente, favorece a perpetuação do genocídio ontológico, cultural e físico da população preta.

## 5 Conclusão

Por fim, vale destacar importantes desdobramentos da afro-acessibilidade cultural voltada para pessoas negras com deficiência, principalmente a partir da parceria com a Organização Opaxorô Cultural, organização que trabalha com a acessibilidade cultural na perspectiva africana e/ou afro-brasileira voltada para pessoas pretas com e sem deficiência. Tal parceria tem incitado a reflexão de quantos outros ramos de atuação dos terapeutas ocupacionais ainda precisa enegrecer, de modo a promover uma Terapia Ocupacional singular aos modos de ser, pensar, agir e sentir negros.

Espera-se que este ensaio possa convocar pessoas negras e não-negras para a construção de práticas antirracistas na formação de terapeutas ocupacionais, mas, fundamentalmente, a retomada de negros e negras ao seu processo de produção de subjetividades africanas e/ou afro-brasileiras, de produções epistemológicas e práticas negras para, com e entre sujeitos negros. Sankofa<sup>b</sup>.



## Referências

1. Beniste J. *Dicionário Yorubá-Português*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2011.
2. Almeida L S. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.
3. Mbembe A. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
4. Nascimento A. *O Branqueamento da raça: uma estratégia de Genocídio*. In: O genocídio do negro brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 1978.
5. Costa M C. *Clínica anímica: agenciamentos entre corpos humanos e não-humanos como produção de subjetividade*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Psicologia, 2017.

---

b. Sankofa faz parte de ideogramas chamados adinkra, representado por um pássaro que volta a cabeça à cauda. O símbolo pode ser traduzido por "nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou atrás". Um convite à ressignificar o presente com experiências de sabedorias deixadas pela ancestralidade afrikana, no passado.

6. Carneiro A S. A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser. Tese (Doutorado) - Feusp, 2005.
7. Asante M K. *Ensaaios Filosóficos*, Volume XIV– Dezembro/2016.
8. Diop C A. Afrocentricidade: Notas sobre uma posição disciplinar. In: Nascimento E L. (Org.). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 71-92.
9. Ramose M. Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana. v. 4, p. 06-24, out. 2011. Disponível em: [http://www.ensaaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/RAMOSE\\_MB.pdf](http://www.ensaaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/RAMOSE_MB.pdf). Acesso em: 22 jul. 2020.
10. Costa J C. Afro-acessibilidade Cultural. Trabalho de conclusão de curso de Especialização em Acessibilidade Cultural. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.
11. E-mec, Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior, Cadastro e-MEC. [Acesso em 20/07/2020] Disponível em : <http://emec.mec.gov.br/>

**Agradecimentos:** Barbara Iung pela revisão do texto completo. Larissa Gouveia pela elaboração da arte.

**Contribuição dos autores:** Anna Carolina Santos, Jean Vital, Juli da Costa, Marcia da Costa, Ramires Porto e Sarah Rodrigues foram responsáveis pela concepção e redação do texto completo.

**Submetido em:** 29/07/2020

**Aprovado em:** 30/07/2020

**Publicado em:** 06/08/2020